



A cidadania na sociedade aberta

Sobre destruição da civilidade e cidadania

Nas últimas semanas o mundo “livre” tem empreendido uma cruzada de destruição da tal liberdade, e da democracia que também juram defender. Durov foi preso na França, a rede social X foi bloqueada no Brasil e uma multa para quem tentar burlar o bloqueio com VPN foi estabelecida. Esses exemplos que aparentemente não se relacionam, na verdade são uma demonstração clara e cristalina de como será a cidadania na tal “sociedade aberta” que Soros, Popper e cia limitada tanto se empenham para construir. A sociedade aberta é um mundo sem Estados nacionais, autoridades espirituais, valores morais e todo o restante que nos faz civilizados, é o mundo reduzido as relações de mercado — é o poder absoluto do capital. O mundo da sociedade aberta é o paraíso do capital, onde ele poderá fluir livremente sem ser atrapalhado por fronteiras, constituições, leis ou regras morais — o dinheiro poderá comprar tudo e todos, nada escapará do poder financeiro. Note, não disse que seria o paraíso da produção, do capitalismo ou da

riqueza. A sociedade aberta é especificamente um regime onde reinará o capital, o poder financeiro — não se trata de um regime político mais ou menos articulado onde haverá cidadãos com possibilidade de acumular capital. Os ricos do mundo cansaram da concorrência e se uniram ao Estado, depois perceberam que o Estado era um empecilho para o seu poder — e agora querem que ele seja impotente diante do poder financeiro, para em breve o descartarem. No mundo da sociedade aberta, algum rico poderá comprar uma sentença contra um adversário, poderá encomendar processos kalfianos contra um pai de família que negou a mão de sua filha ou coisa do gênero. Quando o Ocidente livre aderiu ao liberalismo, limitando o poder dos Estados, quando não transferindo para órgãos multilaterais — os ideólogos e políticos falavam em uma era de liberdade, prosperidade e paz. Não pretendo discutir se esse

mundo pós guerra chegou, quem tem olhos para ler que tenha olhos para ver o que acontece — mas o que acontece, acontece por um motivo. Acontece que a política foi neutralizada, reduzida a um processo burocrático e eleitoral que é mais teatral que qualquer outra coisa. A cidadania foi destruída, a participação do povo na política e suas proteções institucionais foram completamente devastadas no processo de burocratização da política. Durov foi preso sem devido processo legal, contraditório e isonomia — a Starlink teve suas contas congeladas em um conflito que não envolvia a empresa diretamente. Parece que o liberalismo não trouxe a liberdade, mas a destruição da ordem política. A proposta liberal é negativa, sempre reduzir o Estado ou o extinguir. A primeira vista parece a resposta lógica natural à constatação de que os problemas do Brasil provêm de a sociedade civil ser muito débil e o Estado muito forte —

tão forte que consegue subjugar as organizações da sociedade civil. O PT jamais teria conseguido concentrar tanto poder sem a ajuda da OAB, da CNBB e de milhares de ONGs que, acabaram se transformando numa espécie de funcionalismo público informal. O sujeito vê isso acontecendo e exclama: “Precisamos diminuir o Estado!” Parece sensato, mas há um problema: Quem reduzirá o Estado? O próprio Estado. Enxugase privatizando. E, na medida em que privatiza, cria uma rede de complicitades privadas que estenderão o poder do Estado — agora anônimo, informal e quase invisível — até os últimos confins da vida social. É caso de “reduzirmos” o Estado ou de dar a forma devida? Hoje em dia não há qualquer dispositivo que possa frear o poder burocrático das instituições e multilaterais, muito porque o Estado como zona de neutralidade e limitador do poder foi destruído. Não existe solução simples, estamos diante da necessidade de restauração da civilidade.